

MARK
LAWRENCE



A
CHAVE
de
LOKI

«Um livro obrigatório
para leitores de George R.R. Martin»

BOOKLIST

TOP
SEL
LER

Dedicado à minha mãe, Hazel.

Nota do Autor

Aqui fica um breve resumo do Livro 1, *Príncipe das Trevas*, para vos avivar a memória e para eu poder evitar a suprema maçada de ter de pôr as personagens a contarem umas às outras coisas que já elas sabem, para vosso benefício.

Referirei aqui apenas o que é relevante para a história que se segue.

1. Jalan Kendeth (neto da Rainha Vermelha) e Snorri ver Snagason (um víquingue muito grande) partem da Marcha Vermelha (Norte de Itália) em direção ao Gelo Cortante (Norte da Noruega), unidos por uma maldição que tornou um deles prometido à luz e o outro prometido à escuridão.

2. Jalan passou a ser prometido à escuridão e é visitado em cada anoitecer por um espírito feminino chamado Aslaug.

3. Snorri é prometido à luz e é visitado em cada amanhecer por um espírito masculino chamado Baraquel.

4. Viajaram juntos até ao Forte Negro para salvarem a mulher e o filho sobrevivente de Snorri de Sven Remo-Partido e de agentes do Rei Morto, incluindo necromantes, não-nascidos e Edris Dean. Esta tentativa de resgate falhou. A família de Snorri não sobreviveu.

5. Jalan, Snorri e Tuttugu, um víquingue gordo e um pouco tímido, são os três sobreviventes da aventura no Forte Negro. Regressaram à cidade portuária de Trond e passaram aí o inverno.

6. Snorri tem a chave de Loki, uma chave mágica que abrirá qualquer fechadura. O Rei Morto quer muito esta chave.

7. Dos seus inimigos no Forte Negro, é possível que Edris Dean e vários hardassa (víquingues vermelhos) tenham sobrevivido, juntamente com um punhado de necromantes das Ilhas Afogadas.

8. A avó de Jalan, a Rainha Vermelha, permanece na Marcha Vermelha com a sua irmã mais velha, conhecida como a Irmã Silenciosa, e com o irmão mais velho e aleijado, Garyus. Foi a Irmã Silenciosa quem lançou o feitiço que prendeu Snorri e Jalan um ao outro.

9. Vários indivíduos poderosos usam magia para manipular os acontecimentos no Império Arruinado, posicionando-se frequentemente como interesses controladores atrás de muitos dos cem tronos. O Rei Morto, a Dama Azul, a bruxa do gelo, Skilfar, e o bruxo de sonhos, Sageous, são quatro desses indivíduos. Jalan conheceu Skilfar e Sageous na viagem até ao Forte Negro. O Rei Morto tentou matar Jalan e Snorri várias vezes. A Dama Azul está envolvida numa guerra longa e secreta de algum tipo contra a Rainha Vermelha e parece orientar a mão do Rei Morto, mesmo que este talvez não o perceba.

Prólogo

Dois homens numa sala de muitas portas. Um alto, severo, envergando uma túnica, marcado pela crueldade e pela inteligência. O outro, mais baixo, muito magro, com uma mancha surpreendente de cabelo e envergando cores em mutação que confundem o olhar.

O homem baixo ri-se, produzindo um som múltiplo, que tão depressa mata-rá aves como fará florescer um ramo.

— Invoquei-te! — O homem alto, cerrando os dentes como se lhe custasse manter o outro onde estava, apesar de ter as mãos caídas junto ao corpo.

— Um belo truque, Kelem.

— Conheces-me?

— Não há ninguém que eu não conheça. — Um sorriso sagaz. — És o mago das portas.

— E tu és?

— Ikol. — As suas roupas mudam, quadrados amarelos irregulares sobre azul, onde antes existiam flores-de-lis escarlates sobre cinzento. — Olik. — Esboça um sorriso que espanta e corta. — Loki, se preferires.

— És um deus, Loki? — Não havia ponta de humor em Kelem, apenas autoridade. Autoridade e uma grande e terrível concentração nos olhos cinzentos como pedra.

— Não. — Loki volta-se, olhando para as portas. — Mas há quem me conheça por mentir.

— Invoquei o mais poderoso...

— Nem sempre obtemos o que desejamos. — As palavras eram quase cantadas. — Contudo, por vezes, obtemos aquilo de que precisamos. Aqui estou.

— És um deus?

— Os deuses são enfadonhos. Já estive diante do trono. Wodin ocupa-o. O velho zarolho, com os seus corvos sussurrando-lhe em cada ouvido. — Loki sorri. — Sempre os corvos. É engraçado como funciona.

— Preciso de...

— Os homens não sabem do que precisam. Mal sabem o que querem. Wodin, pai das tempestades, deus dos deuses, severo e sábio. Mas sobretudo severo. Gostarias dele. E observando... sempre observando... Oh, as coisas que viu! — Loki vira-se para mirar a sala em redor. — Não passo de um bobo no salão onde o mundo foi criado. Dou cambalhotas, gracejo, dança. Pouca importância tenho. Mas imagina... se fosse eu a puxar os cordelinhos para fazer os deuses dançar. E se, no fundo, se escavasses o suficiente e descobrisses cada verdade... e se, no cerne de tudo... houvesse uma mentira, como uma lagarta no centro da maçã, encolhida como Oroborus, como o segredo dos homens se encolhe no centro de cada pedaço de vós, por mais fino que seja o corte? Não seria isso uma bela piada?

Kelem franze a testa ao escutar estas tolices. A seguir, abanando rapidamente a cabeça, regressa ao seu intuito.

— Fiz este sítio. Com os meus fracassos. — Aponta para as portas. Treze, alinhando-se ao longo de cada parede numa sala vazia. — Estas são portas que não consigo abrir. Podes partir, mas nenhuma porta se abrirá até todas estarem destrancadas. Assegurei que assim fosse. — Uma única vela ilumina a câmara, dançando enquanto os ocupantes se movem, com as sombras acompanhando a mesma melodia.

— Porque quereria partir? — Um cálice surge na mão de Loki, é de prata e transborda de vinho tão escuro e vermelho como sangue. Bebe um trago.

— Ordeno-te, pelos 12 arcanjos do...

— Sim, sim. — Loki retira importância à conjura com um gesto da mão. O vinho escurece até se tingir de um negro que atrai a vista e a cega. Tão negro que a prata se mancha com a corrosão. Tão negro que não é nada além da ausência de luz. E, subitamente, é uma chave. Uma chave de vidro negro.

— Isso é... — Há uma avidez na voz do mago das portas. — ... abri-las-á?

— Assim espero. — Loki gira a chave nos dedos.

— Que chave é essa? A de Acheron? Tirada do paraíso quando...

— É minha. Fi-la. Agora mesmo.

— Como sabes que as abrirá? — O olhar de Kelem moveu-se em redor.

— É uma boa chave. — Loki enfrenta o olhar do mago. — É todas as chaves. Cada chave que foi e é, cada chave que será, cada chave que poderia ser...

— Dá-ma...

— Que graça teria isso? — Loki avança até à porta mais próxima e encosta-lhe os dedos. — Esta. — Todas as portas são de madeira, sem adorno, porém, ao tocá-la, esta transforma-se num painel de vidro negro, imaculado e brilhante. — Esta é a complicada. — Loki pousa a mão sobre a porta e surge uma roda. Uma engrenagem com oito dentes do mesmo vidro negro destaca-se, orgulhosa, da porta, como se bastasse rodá-la para esta se destrancar e se abrir. Loki não lhe toca. Ao invés, bate com a chave na parede ao lado e a sala inteira muda. Agora tem um teto alto, linhas perfeitas, paredes de pedra vertida, com uma enorme porta de aço circular no teto. A luz entra por painéis nas paredes. Um corredor parte daí, alongando-se até onde a vista não alcança. Treze arcos de aço prateado erguem-se nas margens da câmara, cada um a trinta centímetros da parede, cada um cheio de luz tremeluzente, como se fossem raios de luar dançando na água. Exceto o que se ergue diante de Loki, que é negro, uma superfície de cristal fraturando a luz e engolindo-a em seguida. — Abre esta porta e o mundo acaba.

Loki continua, tocando em cada porta.

— A tua morte espera atrás de uma outra destas portas, Kelem.

O mago fica hirto e depois força um riso trocista.

— Deus da trapaça. É o que te...

— Não temas. — Loki sorri. — Nunca conseguirás abrir essa porta.

— Dá-me a chave. — Kelem estende a mão, sem se aproximar do seu convidado.

— E aquela porta? — Loki ergue o olhar para o círculo de aço prateado. — Tentaste esconder-ma. — Kelem não diz nada.

— Quantas gerações viveu a tua gente aqui em baixo, nestas grutas, escondendo-se do mundo?

— Não são grutas! — Kelem eriça-se. Afasta a mão. — O mundo está envenenado. O Dia dos Mil Sóis...

— ... aconteceu há 200 anos. — Loki aponta despreocupadamente o teto com a chave. A porta vasta geme e começa a abrir-se, fazendo cair terra e pó sobre eles. É tão grossa como a altura de um homem.

— Não! — Kelem cai de joelhos, erguendo os braços sobre a cabeça. O pó cobre-o, envelhecendo-o. O chão está coberto de terra onde nascem coisas verdes, onde se contorcem minhocas, onde insetos rastejam e, sobre eles, no alto de um longo poço vertical, arde um círculo de céu azul.

— Aí tens. Abri-te a porta mais importante. Sai. Reclama o que puderes antes que tudo se vá. Outros repovoam a partir do leste. — Loki olha em redor como se procurasse uma saída. — Não precisas de agradecer.

Kelem levanta a cabeça, esfregando a terra dos olhos, deixando-os vermelhos e molhados.

— Dá-me a chave. — A sua voz é um gemido.

— Terás de a procurar.

— Ordeno-te que... — Mas a chave desapareceu e Loki também. Só Kelem permanece. Kelem e os seus fracassos.



Choviam pétalas entre aclamações de adoração. Montado no meu cavalo glorioso diante da melhor unidade de cavalaria da Marcha Vermelha, eu liderava-os pela Rua da Vitória em direção ao palácio da Rainha Vermelha. Mulheres belas esforçavam-se para se adiantarem à multidão e se atirarem sobre mim. Os homens rugiam a sua aprovação. Eu acenava...

Bum. Bum. Bum.

O meu sonho tentou moldar o martelar em algo que encaixasse na história que contava. Tenho boa imaginação e, por um momento, tudo continuou a fazer sentido. Acenei às senhoras nobres que adornavam cada varanda. Dirigi um sorriso másculo aos meus irmãos de cara severa que amuavam ao fundo da...

Bum! Bum! Bum!

As casas altas de Vermillion começaram a desmoronar-se, a multidão começou a dissipar-se e os rostos ficavam indefinidos.

BUM! BUM! BUM!

— Oh, bolas. — Abri os olhos e passei do calor das peles para a penumbra gélida. — Chamam primavera a isto! — Enfie as calças, a tiritar, e apressei-me a descer os degraus.

A taberna estava repleta de canecas vazias, bêbados cheios, bancos tombados e mesas viradas. Uma manhã típica na Três Machados. *Maeres* farejava uns ossos caídos junto à lareira, abanando a cauda quando me viu entrar.

BUM! BUM...

— Já vai! Já vai! Estou aqui. — Alguém me tinha rachado o crânio com uma pedra durante a noite. Ou isso ou esta era uma ressaca do caneco. Não conseguia perceber porque um príncipe da Marcha Vermelha tinha de abrir a sua própria porta, mas faria qualquer coisa para impedir aquele ruído maldito de dilacerar a minha pobre cabeça.

Abri caminho entre os detritos, passando sobre a barriga de cerveja de Erik Três-Dentes para chegar à porta no momento em que esta vibrava com outra batida.

— Maldição! Já aqui estou! — gritei, tão baixo quanto conseguia, cerrando os dentes ao ser atingido pela dor atrás dos olhos. Dedos atabalhoaram-se no trinco até que o fiz deslizar. — Que é? — E puxei a porta. — O que foi?

Suponho que, estivesse eu mais sóbrio e menos entorpecido pelo sono, me teria parecido melhor ficar na cama. Esse pensamento ocorreu-me, sem dúvida, no momento em que o punho me atingiu em cheio na face. Cambaleei para trás, balindo, tropeçando em Erik e acabando de traseiro no chão enquanto fitava Astrid, emoldurada pela porta contra uma manhã consideravelmente mais clara do que qualquer coisa que quisesse ver.

— Miserável! — Apoiava as mãos nas ancas. A luz dolorosa passava à sua volta, cravando-me farpas nos olhos, mas tornando maravilhoso o seu cabelo dourado e mostrando de modo inequívoco o corpo de ampulheta que me tinha feito olhá-la com cobiça no meu primeiro dia em Trond.

— Qu... que foi? — Retirei as pernas do estômago saliente de Erik e ras-tejei para trás sobre o traseiro. Tinha sangue na mão quando a levei ao nariz. — Anjo... querid...

— Seu bastardo... — Ela seguiu-me, agora abraçando-se a si mesma. O frio entrou com ela.

— Bem... — Só poderia contestar o «bastardo» por pormenores semânticos. A minha mão pousou numa poça de algo decididamente desagradável e levantei-me rapidamente, limpando a palma da mão a *Maeres*, que tinha vindo investigar, continuando a abanar a cauda apesar da violência exercida sobre o seu dono.

— Hedwig ver Sorren? — Havia um brilho homicida nos olhos de Astrid.

Continuei a recuar. Embora eu tivesse mais 15 centímetros, ela não deixava de ser uma mulher alta com uma direita poderosa.

— Não podes acreditar em rumores de rua, minha querida. — Coloquei um banco entre nós. — É natural que o jarl Sorren convide um príncipe da Marcha Vermelha para o seu salão depois de saber que estava na cidade. Eu e a Hedwig...

— Tu e a Hedwig o quê? — Segurou também no banco.

— Hum... nós... Nada, na verdade. — Segurei com mais força as pernas do banco. Se o soltasse, entregar-lhe-ia uma arma. Mesmo com o perigo que corria, imagens de Hedwig invadiram-me a mente. Morena, muito bonita, com olhos maliciosos e tudo o que um homem poderia desejar condensado num corpo pequeno, mas convidativo. — Mal fomos apresentados...

— Terá sido uma apresentação e tanto para o jarl Sorren ordenar aos seus guardas que te levem para enfrentares a justiça!

— Merda. — Soltei o banco. A justiça no Norte costumava significar costelas arrancadas ao peito.

— Que é esta algazarra toda? — Uma voz sonolenta atrás de mim.

Virei-me e vi Edda, descalça nas escadas, com as peles da nossa cama enroladas ao tronco, as pernas esguias por baixo e ombros pálidos como leite por cima, com o cabelo louro, quase branco, caindo sobre eles.

Virar-me foi um erro. Não é aconselhável afastar o olhar de um inimigo potencial. Especialmente depois de lhe entregarmos uma arma.



— Calma! — Uma mão no meu peito empurrou-me outra vez para um chão coberto de imundície.

— O que... — Abri os olhos e vi «alguém» erguendo-se sobre mim. Alguém grande. — Au! — Alguém grande pressionava dedos descuidados num ponto muito doloroso sobre a minha bochecha.

— Estou só a tirar as farpas. — Alguém grande e gordo.

— Sai de cima de mim, Tuttugu! — Tentei levantar-me outra vez, conseguindo ficar sentado. — Que aconteceu?

— Levaste com um banco.

Gemi um pouco.

— Não me lembro de um banco... AU! Mas que raio? — Tuttugu parecia empenhado em beliscar e pressionar a parte mais dorida da minha cara.

— Podes não te lembrar do banco, mas estou a tirar pedaços dele da tua bochecha. Fica quieto. Não queremos estragar esta bela cara, pois não?

Esforcei-me para permanecer imóvel. Era verdade. Bela cara e um título eram praticamente tudo o que tinha e não estava disposto a perdê-los. Para me distrair da dor, tentei recordar como tinha conseguido ser agredido pelo meu mobiliário. Não consegui chegar lá. Uma recordação vaga de gritos agudos... uma recordação de ser pontapeado no chão... um vislumbre entre pálpebras semicerradas de duas mulheres partindo de braço dado, uma baixa, pálida e jovem, a outra alta, loura, talvez com 30 anos. Nenhuma delas olhou para trás.

— Pronto! Para cima. É o melhor que posso fazer por agora. — Tuttugu puxou-me o braço para me levantar.

Ergui-me, cambaleante, agoniado, ressecado, talvez ainda um pouco bêbado. E, mesmo que me custasse acreditar nisso, ligeiramente excitado.

— Vamos. Temos de ir. — Tuttugu começou a arrastar-me para a claridade da porta. Tentei fincar os calcanhares, mas sem sucesso.

— Para onde? — A primavera em Trond revelava-se mais agreste que o pino do inverno na Marcha Vermelha e não tinha qualquer interesse em expor-me a ela.

— Para as docas! — Tuttugu parecia preocupado. — Talvez consigamos!

— Porquê? Talvez consigamos o quê? — Não recordava grande coisa da manhã, mas não esquecera que «preocupado» era o estado natural de Tuttugu. Libertei-me. — Cama. É para lá que vou.

— Se é lá que queres que os homens do jarl Sorren te encontrem...

— Que me importam os homens do jarl Sorr... ah. — Lembrei-me de Hedwig. Recordei-a sobre as peles na casa do jarl, quando todos os outros continuavam no banquete de casamento da sua irmã. Recordei-a sobre a minha capa durante uma cambalhota irrefletida ao relento. Aqueceu-me a frente, mas fiquei com o traseiro gelado. Recordei-a no quarto sobre a taberna daquela vez que conseguiu escapar aos seus acompanhantes. Surpreendeu-me que, nessa tarde, não tivéssemos feito cair os três machados pendurados sobre a entrada. — Dá-me um momento... dois momentos! — Ergui uma mão para travar Tuttugu e corri pelas escadas acima.

De volta ao meu quarto, um único momento revelou-se suficiente. Dirigi-me à tábua solta no chão, retirei os meus pertences valiosos aí escondidos, peguei num braçado de roupa e voltei a descer antes que Tuttugu tivesse tempo de coçar os queixos múltiplos.

— Porquê as docas? — Ofegava. As montanhas permitiriam uma fuga mais rápida, seguindo-se um barco a partir de Hjorl, no Fiorde de Aöefl, mais acima na costa. — As docas são o primeiro sítio onde procurarão depois de virem aqui! — Estaria lá, tentando negociar uma passagem para Maladon ou para os Thurtans quando os homens do jarl me encontrassem.

Tuttugu contornou Floki Elmoerrado, ressonando no chão ao lado do balcão.

— O Snorri está lá, preparando-se para zarpar. — Curvou-se atrás do balcão, gemendo.

— O Snorri? Zarpar? — Parecia-me que o banco não tinha desalojado apenas as memórias daquela manhã. — Porquê? Para onde vai?

Tuttugu endireitou-se, segurando a minha espada, empoeirada e esquecida no seu esconderijo atrás do balcão. Não estendi a mão para ela. Não tenho

qualquer problema em usar uma espada em sítios onde as pessoas não as encarem como um desafio. Trond nunca foi um desses sítios.

— Toma! — Tuttugu virou o punho para mim.

Ignorei-o, enfiando-me dentro da roupa. O pano áspero nortenho provocava comichão, mas era quente.

— Desde quando tem Snorri um barco? — Tinha vendido o *Ikea* para financiar a expedição ao Forte Negro... Disso, lembrava-me.

— Talvez seja melhor chamar a Astrid aqui para ver se outro banco na cabeça te fará recuperar o juízo! — Tuttugu atirou a espada para o chão, a meu lado, enquanto me sentava para calçar as botas.

— A Astrid?... A Astrid! — Recordei um momento com toda a clareza. Edda descendo as escadas, seminua, sob o olhar de Astrid. Há algum tempo que uma manhã não me corria tão espetacularmente mal. Nunca quis que se encontrassem as duas naquelas circunstâncias, mas não me pareceu que Astrid fosse ciumenta. Na verdade, nem sequer tinha a certeza de ser o único homem mais novo que lhe aquecia a cama enquanto o marido navegava pelos mares em busca de negócio. Encontrávamo-nos sobretudo na sua casa na Encosta de Arlls e escondermo-nos de Edda não tinha sido uma prioridade. — Como soube a Astrid de Hedwig? — Mais importante que isso, como tinha chegado a mim antes dos homens do jarl Sorren e quanto tempo me restava?

Tuttugu passou uma mão pela cara, corada e suada apesar do frio primaveril.

— A Hedwig conseguiu enviar um mensageiro enquanto o pai ainda berava e reunia os seus homens. O rapaz galopou de Sorrenfast e começou a perguntar onde poderia encontrar o príncipe estrangeiro. As pessoas mandaram-no a casa da Astrid. O Olaaf Mão-de-Peixe contou-me isto tudo depois de ver a Astrid a descer apressada a Estrada dos Guardas. Portanto... — Inspirou fundo. — Podemos ir? Porque...

Antecipei-me, passando por ele e saindo para o frio desagradável do dia, calcando lama parcialmente gelada enquanto descia a rua em direção às docas, vendo o topo dos mastros sobre as casas. Gaivotas voavam em círculos no alto, observando o meu avanço com guinchos trocistas.



Se há algo de que gosto menos ainda que de barcos é de ser brutalmente assassinado por um pai ultrajado. Cheguei às docas com a percepção dolorosa de que tinha calçado as botas nos pés errados e colocado o cinturão da espada tão baixo que tropeçava nela com cada passo. Esperava-me o cenário habitual. Bulício junto ao mar, mesmo que os pescadores tivessem partido horas antes. O facto de o porto ficar bloqueado pelo gelo durante os meses de inverno parecia ter deixado os nortenhos em frenesim com a chegada da primavera, uma estação caracterizada pelas temperaturas ligeiramente acima do ponto de congelação da água salgada e não pelo desabrochar de flores e pela chegada das abelhas, como acontecia em climas mais civilizados. Uma floresta de mastros traçava linhas severas contra o horizonte luminoso. Barcos víquingues de guerra e comércio aninhavam-se ao lado de navios mercantes de três mastros de uma dúzia de nações setentrionais. Havia homens ocupados por todo o lado, carregando, descarregando, fazendo coisas complicadas com cordas. Mulheres de pescadores mais atrás, remendando redes ou golpeando com facas ferozmente afiadas as pilhas brilhantes de peixe capturado na noite anterior.

— Não o vejo. — Snorri costumava ser fácil de avistar numa multidão. Bastava olhar para cima.

— Ali! — Tuttugu puxou-me o braço e apontou o que parecia ser o barco mais pequeno nos ancoradouros tripulado pelo maior dos homens visíveis.

— Aquela coisa? Não tem tamanho suficiente sequer para o Snorri! — Mesmo assim, não perdi tempo a seguir Tuttugu. Parecia haver algum tipo de

perturbação junto ao posto do mestre da doca, e juraria que alguém tinha gritado «Kendeth!».

Ultrapassei Tuttugu e avancei sobre o ancoradouro para chegar junto do pequeno barco de Snorri muito antes dele. Snorri ergueu o olhar e viu-me entre o emaranhado de cabelo negro soprado pelo vento. Recuei um passo quando percebi a desconfiança notória no seu olhar.

— Que foi? — Ergui as mãos. Qualquer sinal de hostilidade de um homem que brande um machado como Snorri precisa de ser encarado com seriedade. — Que fiz eu? — Recordava-me de um qualquer desentendimento, mesmo que me parecesse pouco provável que tivesse tido tomates para discordar de um louco musculado de dois metros.

Snorri abanou a cabeça e virou-se, continuando a prender as provisões com cordas. O barco inteiro parecia cheio de provisões. Ele também.

— A sério! Bateram-me na cabeça. O que foi que eu fiz?

Tuttugu alcançou-me, arfando, parecendo querer dizer alguma coisa, mas sem o fôlego necessário para falar.

Snorri grunhiu.

— Parto, Jal. Não conseguirás convencer-me a não o fazer. Teremos de ver quem quebra primeiro.

Tuttugu pousou-me uma mão no ombro e curvou-se tanto quanto permitia a sua barriga.

— Jal... — O que pretendesse dizer depois daquilo perdeu-se num silvo engasgado.

— Qual de nós quebrará primeiro? — Comecei a recordar. O plano tresloucado de Snorri. A sua determinação em partir para sul com a chave de Loki. E a minha determinação equivalente em permanecer no conforto da Três Machados, desfrutando da companhia até esgotar o dinheiro ou até o tempo melhorar o suficiente para garantir uma travessia calma até ao continente. Aslaug concordava comigo. Em cada anoitecer, erguia-se das profundezas mais sombrias da minha mente e dizia-me como o nórdico era irrazoável. Tinha conseguido até convencer-me de que a separação de Snorri seria positiva, libertando-a e a Baraqel, o espírito prometido à luz, para regressarem aos seus domínios respetivos, levando consigo os últimos resquícios da magia da Irmã Silenciosa.

— O jarl Sorren... — Tuttugu encheu os pulmões. — Os homens do jarl Sorren! — Apontou o extremo do ancoradouro. — Vão! Depressa!

Snorri endireitou as costas com um esgar e franziu a testa para o muro das docas, onde guardas, nas suas cotas de malha, abriam caminho entre a multidão.

— Não tenho motivo para temer o jarl Sorren...

— O Jal tem! — Tuttugu empurrou-me com força entre as omoplatas. Consegui equilibrar-me por um momento, girei os braços, dei meio passo em frente, tropecei naquela maldita espada e mergulhei sobre o barco. Chocar contra Snorri revelou ser apenas ligeiramente menos doloroso do que bater com a cara no casco e o víquingue conseguiu agarrar o suficiente de mim para assegurar que caía dentro do barco e não na água do mar ligeiramente à esquerda.

— Que raio? — Snorri permaneceu em pé por mais um momento enquanto Tuttugu começava a descer com esforço.

— Também vou — disse.

Fiquei deitado de lado sobre a água suja e gelada no fundo do barco sujo e gelado de Snorri. Não era o melhor momento para reflexões, mas tentei perceber como tinha passado tão rapidamente do calor aprazível das pernas esguias de Edda para estar desconfortavelmente deitado sobre um emaranhado frio de corda ensopada. Agarrando o mastro pequeno, consegui sentar-me, amaldiçoando a minha sorte. Quando enchi os pulmões, também me questioneei sobre o motivo para Tuttugu descer para junto de nós.

— Sai! — Aparentemente, o mesmo pensamento ocorreu a Snorri. — Construíste aqui uma vida, Tutt.

— E vais afundar o maldito barco! — Porque ninguém parecia inclinado a aplicar-se na fuga, comecei a tentar encaixar os remos. Era verdade. Não havia nada para Tuttugu no Sul e parecia ter-se ambientado à vida em Trond com maior sucesso do que à sua vida anterior como saqueador víquingue.

Tuttugu pisou o fundo do barco e quase caiu quando se virou.

— Que fazes aqui, Tutt? — Snorri avançou para o equilibrar enquanto eu me segurava ao bordo. — Fica. Deixa que aquela tua mulher cuide de ti. Não gostarás do sítio para onde vou.

Tuttugu ergueu o olhar para Snorri. Estavam os dois desconfortavelmente próximos.

— Somos undoreth. — Não disse mais nada, mas pareceu ser o suficiente, para Snorri. Era provável que fossem, afinal, os últimos sobreviventes da sua gente. Tudo o que restava de Uuliskind. Snorri baixou os ombros, parecendo derrotado, e recuou, pegando nos remos e empurrando-me para a proa.

— Parem! — Gritos do ancoradouro, ruído de passos. — Parem esse barco!

Tuttugu desatou o cabo e Snorri manobrou os remos, fazendo-nos deslizar para longe. O primeiro dos guardas do jarl Sorren mostrou-se, corado, sobre o sítio onde tínhamos estado ancorados, rugindo que regressássemos.

— Rema mais depressa! — Estava em pânico, morria de medo só de pensar que poderiam atirar-se ao mar atrás de nós. É este o efeito que a visão de homens irados empunhando ferro afiado provoca em mim.

Snorri riu-se.

— Não estão protegidos para nadar. — Olhou-os, erguendo a voz acima dos seus protestos. — E se aquele homem lançar o machado que ergue, voltarei para lho devolver pessoalmente.

O homem manteve o machado na mão.

— Até à vista! — gritei, mas não suficientemente alto para que os homens no ancoradouro me ouvissem. — Uma praga caia sobre Norsheim e todas as suas mulheres! — Tentei erguer-me e agitar-lhes um punho, mas pensei melhor no assunto depois de quase tombar borda fora. Sentei-me, pesadamente, levando a mão ao nariz dorido. Ia para sul, pelo menos, e esse pensamento animou-me subitamente. Navegaria a caminho de uma recepção de herói e casaria com Lisa DeVeer. Recordações dela fizeram-me seguir caminho no Gelo Cortante e, naquele momento, com Trond perdendo-se à distância, voltaram a encher-me a imaginação.



Parecia que todos aqueles meses a deambular ocasionalmente até às docas para franzir o cenho aos barcos me tinham tornado um marinheiro melhor. Só vomitei quando estávamos tão longe do porto que mal conseguia ver as expressões nas caras dos guardas.

— Será melhor que não faças isso contra o vento — disse Snorri, sem quebrar o ritmo do movimento dos remos.

Acabei de gemer antes de responder:

— Eu sei. *Agora* sei. — Limpei a maior parte do vômito da cara. Ter tido um murro no nariz como único pequeno-almoço ajudou a limitar a quantidade.

— Seguir-nos-ão? — perguntou Tuttugu.

Aquela sensação de alívio por ter escapado a uma morte terrível desapareceu tão facilmente como tinha surgido e os meus tomates começaram a recuar para dentro do meu corpo.

— Não o farão... ou farão? — Interroguei-me a que velocidade Snorri conseguiria remar. Certamente o nosso pequeno barco não conseguiria, impelido pela vela, ser mais rápido que os barcos do jarl Sorren.

Snorri encolheu os ombros.

— O que aconteceu?

— A filha dele aconteceu.

— A Hedwig? — Um abanar de cabeça e riu-se. — O Erik Sorren perseguiu alguns homens por ela. Quase sempre apenas o suficiente para os manter em fuga. Mas um príncipe da Marcha Vermelha... talvez se esforce mais por

um príncipe e te traga de volta para te ver de mãos atadas diante da pedra de Odin.

— Oh, Deus! — Outra tortura pagã medonha de que não tinha ouvido falar. — Mal lhe toquei. Juro. — O pânico começou a trepar por mim acima, juntamente com a dose seguinte de vômito.

— Significa «casamento» — explicou Snorri. — As mãos atadas. E, pelo que ouvi, mal lhe tocaste repetidamente e fizeste-o no salão do pai.

Eu disse algo cheio de vogais debruçado sobre a água antes de recuperar e perguntar:

— Então, onde está o nosso barco?

Snorri pareceu confuso.

— Estás dentro dele.

— Falo do barco maior que nos levará para sul. — Olhando as ondas em redor, não vi qualquer vestígio da embarcação maior que pressupus fosse o nosso destino.

A boca de Snorri formou uma linha hirta sobre o maxilar rígido como se eu tivesse acabado de insultar a sua mãe.

— Estás dentro dele.

— Oh, vá lá... — Vacilei sob a intensidade do seu olhar. — Não queres convencer-me de que atravessaremos o mar até Maladon neste barco a remos, pois não?

Como resposta, Snorri arrumou os remos e começou a preparar a vela.

— Santo Deus... — Sentei-me, encolhido na proa, com o pescoço molhado pelos salpicos, e perscrutei o mar cinzento manchado de branco onde o vento cortava os topos das ondas. Tinha passado a maior parte da viagem para norte inconsciente e fora uma bênção. O regresso teria de ser suportado sem a benesse da inconsciência.

— Snorri planeia parar nos portos pelo caminho, Jal — disse Tuttugu do seu lugar na popa. — Navegaremos de Kristian para atravessarmos o Mar de Karl. Será o único momento em que deixaremos de ver terra.

— Um grande consolo, Tuttugu. Eu também prefiro afogar-me com terra à vista.



Passaram horas e os nórdicos pareciam estar realmente a divertir-se. Quanto a mim, mantive-me encolhido dentro do sofrimento de uma ressaca temperada com uma dose generosa de banco na cabeça. Ocasionalmente, tocava no nariz para me assegurar de que o murro de Astrid não o tinha partido. Gostava

de Astrid e magoava-me recordar que não voltaríamos a rebolar na cama do marido. Supus que tinha ignorado de bom grado as minhas aventuras desde que conseguisse ver-se como o centro das minhas atenções. Envolver-me com a filha do jarl, alguém de nascimento tão rico, e de forma tão pública, teria sido demais para o seu orgulho. Esfreguei o maxilar, estremecendo. Maldição. Sentiria a sua falta.

— Toma. — Snorri estendeu-me uma caneca de folha amolgada.

— Rum? — Ergui a cabeça para ver o que me oferecia. Tenho grande fé na capacidade do álcool para curar a ressaca, e as aventuras náuticas que conheço da ficção exigem sempre uma boa medida de rum.

— Água.

Estiquei-me com um suspiro. O sol tinha-se erguido até ao seu ponto mais alto, como uma bola pálida esforçando-se para atravessar a névoa esbranquiçada no firmamento.

— Acho que tomaste a decisão certa. Mesmo que por acidente. Se não estivesse pronto para zarpar, podia estar de mãos atadas agora. Ou pior.

— Feliz acaso.

— Hein? — Provei a água. Hedionda. A água costuma sê-lo.

— Foi um acidente no momento certo — disse Snorri.

— Hum. — Os Bárbaros deviam conhecer o seu lugar, e usar palavras finas não é compatível com ele. — Mesmo assim, foi loucura partirmos tão perto do início do ano. Olha! Ainda há gelo a flutuar na água! — Apontei para uma enorme placa de gelo, suficientemente grande para suportar uma casa pequena. — Não restaria muito deste barco se chocássemos contra isto. — Rastejei até ele, junto ao mastro.

— Será melhor que não me distraias do leme. — E, para provar o que dizia, fez-nos virar à esquerda, com um pedaço de madeira letal passando a centímetros da minha cabeça quando a vela se moveu.

— Porquê a pressa? — Depois de anulado o encanto de três mulheres deliciosas que tinham sucumbido aos meus muitos predicados, estava mais do que preparado para ouvir os motivos de Snorri para a partida tão precipitada. Tentaria lembrar-me de usar a palavra «precipitada» numa conversa futura. — Porquê uma partida tão precipitada?

— Já falámos disto, jal. Até à morte! — O maxilar de Snorri estava tenso, com os músculos contraindo-se.

— Diz-me outra vez. Tais assuntos tornam-se mais claros no mar. — Isto significava que não tinha ouvido quando o dissera pela primeira vez porque me tinham parecido apenas dez motivos diferentes para me arrancar ao calor da minha taberna e aos braços de Edda. Sentiria a falta de Edda. Era realmente uma

rapariga amorosa. E também um demónio na cama. Na verdade, sentia, por vezes, que era eu o seu caso estrangeiro e não o contrário. Nunca falara de querer apresentar-me aos seus pais. Nunca sequer um sussurro sobre casamento com o seu príncipe. Um homem que desfrutasse menos que eu teria sentido o seu orgulho ligeiramente ferido por isso. Os costumes nortenhos são muito estranhos. Não me queixo... mas são estranhos. Entre as três, tinha passado o inverno num constante estado de exaustão. Sem a ameaça de morte iminente, podia não ter conseguido encontrar a energia para partir. Podia ter vivido os meus dias como um taberneiro cansado, mas feliz, em Trond. — Diz-me outra vez e não voltaremos a falar do assunto!

— Disse-te cem v... — Inclinei-me para vomitar. — Está bem! — Snorri ergueu uma mão para me travar. — Se parares de me vomitar o barco todo... — Curvou-se para o mar por um momento, orientando a embarcação com o seu peso e voltando a endireitar-se. — Tuttugu! — Dois dedos apontando os olhos, dizendo-lhe que se mantivesse atento ao gelo. — Esta chave. — Snorri tocou o peito do casaco de lã, sobre o coração. — Não foi fácil consegui-la. — Tuttugu grunhiu ao ouvir aquilo. Contive um estremeção. Tinha conseguido esquecer tudo o que se passara entre a partida de Trond a caminho do Forte Negro e o regresso. Infelizmente, bastou uma ou outra insinuação para que as recordações comesçassem a superar as barreiras que tinha erguido. O guincho de dobradiças de ferro, em particular, regressaria para me assombrar enquanto porta após porta se abria ao Capitão Não-Nascido e àquela maldita chave.

Snorri fixou em mim aquele seu olhar, o olhar franco e determinado que convencia os destinatários a acompanhá-lo em qualquer que fosse o esquema tresloucado que alimentasse... mas por um momento, apenas, até o bom senso regressar.

— O Rei Morto quererá reaver esta chave. Outros também a quererão. O gelo, o inverno e as neves mantiveram-nos a salvo... Quando o porto voltou a abrir-se, a chave teve de ser movida. Trond não o teria mantido à distância.

Abanei a cabeça.

— A nossa segurança é a tua última preocupação! Aslaug contou-me o que pretendes fazer realmente com a chave de Loki. Toda essa conversa sobre levá-la de volta à minha avó foi treta. — Snorri semicerrou os olhos ao ouvir aquilo. Por uma vez, o olhar não me fez vacilar... temperado como tinha sido pelo pior dos dias e com a infelicidade da viagem tornando-me corajoso. Segui em frente, sem pensar. — E então? Não foi treta?

— A Rainha Vermelha destruiria a chave — disse Snorri.

— Ótimo! — Foi quase um grito. — Porque é exatamente isso que ela *deve* fazer!

Snorri olhou para as suas mãos viradas para cima sobre o colo. Grandes, com cicatrizes, cobertas de calos. O vento soprava-lhe o cabelo, escondendo-lhe a face.

— Encontrarei esta porta.

— Raios! É o último sítio para onde a chave deverá ir! — Se existisse realmente uma porta para a morte, nenhuma pessoa sã quererá erguer-se diante dela. — Se esta manhã me ensinou alguma coisa foi a ter cuidado com as portas que abrimos e quando.

Snorri não respondeu. Manteve o silêncio. Por aquele momento, pelo menos. Nada durante longos instantes além do barulho da vela, do choque das ondas contra o casco. Sabia que pensamentos lhe passavam pela cabeça. Não podia expressá-los porque a minha boca ficaria demasiado seca. Não podia negá-los, mesmo que essa negação me provocasse apenas um eco da dor que Snorri sentiria.

— Vou resgatá-los. — Os olhos dele fixaram-se nos meus e, durante um longo momento, acreditei nisso. A sua voz, o seu corpo inteiro, estremecia com a emoção, mesmo sem ser perceptível que parte era mágoa e que parte era raiva.

— Encontrarei esta porta. E abri-la-ei. E trarei de volta a minha mulher, os meus filhos, o meu filho por nascer.



— *Jal?* — *Alguém abanando-me o ombro.* Ergui o braço para puxar Edda para mais perto e senti os dedos emaranhados na moita ruiva insalubre da barba de Tuttugu, com sebo e sal entranhados. A totalidade da história deprimente desabou sobre mim e fez-me libertar um grunhido agravado pelo regresso da perceção do ondular que fazia o nosso pequeno barco, a subir e a descer.

— O que foi? — O sonho não era bom, mas era melhor que aquilo.

Tuttugu estendeu-me um meio pão víquingue escuro, como se comer num barco fosse uma opção. Recusei com um gesto. Se as mulheres nórdicas eram um ponto alto do Norte longínquo, a sua culinária era um dos mais baixos. Costumavam tratar bem o peixe em pratos simples, mesmo que fosse necessário cuidado para que não tentassem impingi-lo cru, meio podre ou a tresandar mais do que carne de cadáver. Chamavam-lhes «iguarias»... O momento certo para comer alguma coisa situa-se entre estar cru e estar podre. Não é muito complicado! Com a carne... a carne que se encontrava nas encostas quase verticais do Norte... poderia ser segura quando a assassem sobre chama nua. Qualquer outra coisa seria um desastre. Qualquer outro bem comestível seria provavelmente transformado pelos nórdicos em algo intragável, usando uma combinação catastrófica de sal, vinagre e secagem. Carne de baleia que preservavam mijando sobre ela! Segundo a minha teoria, uma longa história de saques mútuos tinha-os levado a tornar a sua comida tão repelente que ninguém no seu pleno juízo que-riera roubá-la. Assegurando assim que, mesmo que o inimigo levasse mulheres, crianças, cabras e ouro, deixaria ficar, pelo menos, o almoço.

— Chegamos a Olaafheim — disse Tuttugu, voltando a puxar-me para a consciência.

— Hein? — Ergui-me para espreitar sobre a proa. A costa nada convidativa e aparentemente infinita de húmidos penhascos negros protegidos por húmidas rochas negras tinha sido substituída pela foz de um rio. As montanhas erguiam-se agora abruptamente de cada lado e o rio escavava ali um vale com margens cobertas de pasto e uma planície aluvial onde um pequeno porto se aninhava contra a paisagem acidentada.

— Será melhor não passarmos a noite no mar. — Tuttugu fez uma pausa para roer o pão que segurava. — Não quando estamos tão perto da terra. — Olhou para oeste, vendo o sol descer sobre o horizonte. O olhar rápido que me dirigiu antes de voltar a comer dizia-me com clareza suficiente que preferia não partilhar o barco comigo quando Aslaug me visitasse ao anoitecer.

Snorri atravessou obliquamente a foz do rio, a que chamou Hoenir, enfrentando a corrente diluída em direção ao porto de Olaafheim.

— São pescadores e saqueadores, Jal. O clã Olaaf, liderado pelos jarls Harl e Knütson, filhos gémeos de Knüt Corta-Gelo. Não estamos em Trond. A gente aqui é menos... cosmopolita. Mais...

— Mais pronta para me rachar o crânio se os olhar da maneira errada — disse, interrompendo-o. — Já percebi. — Ergui uma mão. — Prometo não me deitar com nenhuma das filhas do jarl.

E estava a ser sincero. Depois de nos termos feito ao caminho, começou a entusiasmar-me a possibilidade de regressar à Marcha Vermelha, de voltar a ser um príncipe, de retornar aos meus antigos entretenimentos, de conviver com os meus antigos companheiros e de esquecer tudo o que havia de medonho em toda aquela situação. E se os planos de Snorri o conduzissem por um caminho diferente, teríamos de esperar para ver o que acontecia. Teríamos de ver, como ele próprio dissera antes, quem quebraria primeiro. Os laços que nos uniam pareciam ter enfraquecido desde o Forte Negro. Conseguíamos separar-nos oito quilómetros ou mais sem qualquer desconforto. E, como já tínhamos visto, se a magia da Irmã Silenciosa nos rachasse, o efeito não seria fatal... exceto para os outros. Na pior das hipóteses, o conselho de Aslaug parecia sensato. Deixaríamos que a magia se fosse. Deixaríamos que ela e Baraquel se libertassem para regressarem aos seus domínios. Não seria agradável, julgando pela ocorrência anterior, porém, tal como arrancar um dente, ficaria muito melhor depois. Obviamente, faria tudo o que pudesse para evitar arrancar esse dente em particular, a não ser que implicasse avançar em direção a perigo mortal na aventura de Snorri. O meu próprio plano envolvia levá-lo até Vermillion e pedir à minha avó que ordenasse à sua irmã que nos libertasse de modo mais suave.

Entrámos no porto de Olaafheim com as sombras de navios ancorados alcançando-nos sobre as águas. Snorri arriou a vela e Tuttugu remou em direção a um ponto livre no ancoradouro. Pescadores pararam os seus trabalhos, pousando os cestos cheios de pescada e bacalhau para nos olharem. As suas mulheres pousaram redes que se ocupavam a guardar e aglomeraram-se atrás dos homens para olharem os recém-chegados. Nórdicos ocupados com uma ou outra manutenção dos barcos mais próximos debruçaram-se sobre o bordo para gritar algo na sua língua ancestral. Não percebi se gritavam ameaças ou boas-vindas, pois um víquingue consegue rosnar a saudação mais calorosa num tom que mais parece estar a prometer cortar o pescoço da nossa mãe.

Quando avançávamos o último metro, Snorri trepou pela parede do ancoradouro. Os habitantes locais cercaram-no de imediato, um mar deles rodeando a pedra do muro. Pela quantidade de palmadas nos ombros e pelo tom dos ros-nados, supus que não estivéssemos em apuros. A gargalhada ocasional escapou entre várias das barbas exibidas, o que exigia algum esforço, pois o clã Olaaf ostentava as pilosidades faciais mais impressionantes que já vira. Muitos davam preferência a explosões farfalhudas que são como barbas comuns que receberam notícias súbitas e muito chocantes. Outros tinham-nas entrançadas e pendendo em duas, três ou mesmo cinco tranças com peças de ferro na ponta que lhe chegavam aos cintos.

— Snorri. — Um recém-chegado, medindo bem mais de um metro e 90 de altura e outro tanto de largura, gordo, com braços que faziam lembrar troncos de carne. A princípio pensei que vestia umas peles ou algum tipo de camisola de lã, contudo, quando se aproximou de Snorri, tornou-se óbvio que os pelos do seu peito não tinham sabido quando parar.

— Borris! — Snorri passou rapidamente pelos outros para unir os seus braços aos do homem, prendendo-se brevemente num duelo de forças, sem que nenhum deles cedesse.

Tuttugu terminou de atar o barco e um par de homens para cada braço içaram-no para a doca. Trepei rapidamente atrás dele, não desejando ser manuseado.

— Tuttugu! — Snorri apontou-o a Borris. — Undoreth. Poderemos ser os últimos do nosso clã, e eu... — Calou-se, convidando qualquer um dos presentes a fazer dele um mentiroso, mas ninguém avançou qualquer avistamento de outros sobreviventes.

— Uma praga sobre os hardassa. — Borris cuspiu no chão. — Matamo-los quando os encontramos. E a todos os outros que se aliem com as Ilhas Afogadas. — Murmúrios e gritos seguiram-se àquilo. Mais homens cuspiendo enquanto proferiam a palavra «necromante».

— Uma praga sobre os hardassa! — gritou Snorri. — Aí está um belo brinde!

Com gritos de júbilo generalizados e bater de pés, a multidão começou a dirigir-se para as cabanas e salões atrás das várias pescarias e abrigos de barcos do porto. Snorri e Borrís seguiam à frente e eu, o único príncipe presente, seguia-os, sem ter sido apresentado, atrás de todos os outros pescadores ainda com as escamas da captura mais recente sujando-lhes as mãos.

Trond teria, provavelmente, um fedor próprio, como todas as cidades, mas passado algum tempo deixávamos de reparar nele. Um dia no mar a respirar o ar do Oceano de Atlantis maculado apenas por uma sugestão de sal revelou-se suficiente para fazer as minhas narinas voltarem a sentir-se ofendidas pelo cheiro de outros homens. Olaafheim tresandava a peixe fresco, suor, peixe velho, esgotos, peixe podre e couros por curtir. Piorava enquanto percorríamos um labirinto de cabanas de madeira com telhados de turfa e paredes baixas, cada uma com redes à frente e lenha empilhada do lado abrigado dos ventos marinhos.

O grande salão de Olaafheim era mais pequeno que o vestíbulo do palácio da minha avó, uma estrutura de madeira, com lama a tapar todos os buraquinhos por onde o vento quisesse infiltrar-se e com as placas de madeira do telhado manchadas pelas tempestades do inverno.

Deixei os nórdicos entrarem à minha frente e virei-me outra vez para o mar. A ocidente, céus limpos permitiam ver um sol carmesim baixando. O inverno em Trond tinha sido longo e frio. Talvez eu tivesse passado mais tempo do que seria razoável na cama, todavia, na verdade, a maioria dos nortenhos fazia o mesmo. A noite pode durar vinte horas e, mesmo quando o sol desponta finalmente, o frio nunca passa de um nível que classifico como «foda-se». Quando se abre a porta, a nossa cara gela instantaneamente, ao ponto de se tornar doloroso falar, mas, muito à macho, lá arranjamos maneira de dizer «foda-se» antes de voltarmos costas e regressarmos à cama. Pouco há a fazer num inverno nortenho além de o suportar. No pino da estação, o amanhecer e o anoitecer ficam tão próximos que, se Snorri e eu estivéssemos na mesma divisão, Aslaug e Baraqel poderiam encontrar-se. Um pouco mais a norte e aconteceria, sem dúvida, pois, aí, os dias reduzem-se a nada, tornando-se uma noite que dura semanas. Não que Aslaug e Baraqel considerassem boa ideia um encontro.

Sentia já Aslaug arranhando-me o limiar da mente. O sol ainda não tocara a água, mas o mar ardia com a sua cor e ouvi os seus passos. Recordei a forma como os olhos de Snorri se ensombrevam quando costumava visitá-lo. Até a parte branca se enchia de sombras, tornando-se, por um minuto ou dois, tão completamente negra que se imaginaria que seriam buracos abertos para uma qualquer noite sem fim, por onde poderiam jorrar horrores se nos olhasse. Mas atribuí isso a um confronto de temperamentos. No meu caso, sentia a visão

mais clara quando vinha. Certificava-me de estar sozinho em cada anoitecer para podermos ter o nosso momento. Snorri tinha-a descrito como uma criatura feita de mentiras, uma sedutora cujas palavras conseguiam transformar algo horrendo numa ideia razoável que qualquer homem consideraria. Quanto a mim, achava-a muito tolerável, ainda que talvez um pouco excessiva e decididamente menos preocupada com a minha segurança do que eu.

Quando Aslaug me visitou pela primeira vez, surpreendeu-me ver como era próxima da imagem pincelada pelos relatos de Snorri. Disse-lho e riuse de mim. Disse que os homens viam sempre o que esperavam ver, mas que existia uma verdade mais profunda sob esse facto. «O mundo é moldado pelos desejos e temores da humanidade. Uma guerra da esperança contra o temor, travada num substrato que o próprio homem tornou maleável, mesmo que o tenha esquecido há muito. Todos os homens e as suas obras assentam sobre pés de um barro que espera para ser moldado uma e outra vez, com o medo transformando-os em monstros que se erguem do âmago negro de cada alma, esperando dilacerar o mundo.» Foi assim que se me apresentou.

— Príncipe Janan. — Aslaug saiu de entre as sombras do salão. Prendiam-se a ela, como teias escuras, não querendo libertá-la. A sua forma definiu-se quando o sol beijou o horizonte. Ninguém a confundiria com um humano, mas envergava uma forma de mulher e envergava-a bem, com a pele da cor de osso, mas mergulhada em tinta que preenchia cada poro, revelando a sua textura e enegrecendo em cada vão. Fixou em mim olhos que não tinham cor, apenas paixão, colocados numa face estreita e notável. Cabelo negro emoldurava-a, caindo em ondas e caracóis sobrenaturais. A sua beleza tinha algo de louva-a-deus, algo da frieza das estátuas gregas. Mas, fosse ou não uma máscara, funcionava comigo. Sou muito influenciável em questões carnis. — Janan — repetiu, contornando-me. Envergava farrapos de escuridão como um vestido.

Não respondi nem me virei para a seguir. Os habitantes locais continuavam a chegar e os gritos de júbilo e o riso que vinham do interior do salão atraíam mais a cada minuto que passava. Nenhum deles podia ver Aslaug, mas se me vissem a virar-me e a falar para o vazio, eu não ficaria bem visto. Os nórdicos são gente supersticiosa e, com toda a franqueza, o que tinha visto nos meses anteriores fazia-me pensar que tinham motivo para isso. Mas a superstição costuma ter uma ponta afiada e não queria acabar empalado nela.

— Porque estás aqui, no ermo, rodeado por estes camponeses fedorentos? — Aslaug surgiu sobre o meu ombro esquerdo, com a boca próxima do meu ouvido. — E porque — uma entoação mais severa e olhos semicerrados — está aqui aquele prometido à luz? Sinto-lhe o cheiro. Ele ia partir... — Um inclinar da cabeça. — Janan? Seguiste-o? Como um cão bem treinado? Já falámos disto,

Jalan. És um príncipe. Um homem de sangue real, na linha de sucessão ao trono da Marcha Vermelha!

— Vou para casa — sussurrei, quase sem mexer os lábios.

— Abandonas as tuas belezas? — Havia nela uma constante reprovação das minhas aventuras amorosas. Era, claramente, ciumenta.

— Pareceu-me que era chegado o momento. Começavam a apegar-se demasiado. — Esfreguei a cabeça, não acreditando que Tuttugu tivesse conseguido extrair todas as farpas.

— Melhor assim. Na Marcha Vermelha poderemos começar a desimpedir o teu caminho até à sucessão. — Um sorriso iluminou-lhe a face. O céu estava carmesim atrás dela com o brilho do sol moribundo.

— Bom... — Senti os lábios arreganharem-se, ecoando a sua expressão. — Não sou partidário do homicídio. Mas, se um bando de primos caísse de um penhasco, não perderia horas de sono por isso. — Tinha descoberto que era benéfico alinhar com ela. Sendo verdade que me agradaria qualquer infortúnio que o destino fizesse desabar sobre os meus primos, em particular sobre três ou quatro, nunca tinha sentido apetite pelos jogos mais letais jogados em algumas cortes com facas e veneno. A visão que tinha do meu caminho glorioso até ao trono envolvia bajulação e favoritismo lubrificadas com histórias de heroísmo e rumores de genialidade. Depois de escolhido como preferido da minha avó e injustamente promovido à posição de herdeiro, seria apenas uma questão de esperar que a velha tivesse um ataque cardíaco no momento certo para que o meu reinado prazeroso começasse!

— Sabes que o Snorri planeará a tua destruição, Jalan? — Envolveu-me com um braço. O seu toque era frio e, no entanto, de algum modo excitante, contendo todas as possibilidades deliciosas que a noite esconde. — Sabes o que Baraqel lhe dirá. Disse-te o mesmo quando Snorri me prendia dentro dele.

— Confio no Snorri. — Se me quisesse morto, poderia ter-me matado já em muitas ocasiões.

— Durante quanto tempo, Príncipe Jalan? Durante quanto tempo confiarás nele? — Os seus lábios estavam perto dos meus e tinha a cabeça envolta por uma auréola formada pelos últimos raios do sol poente. — Não confies na luz, Príncipe Jalan. As estrelas são bonitas, mas o espaço entre elas é infinito e preenchido pelo negrume da promessa. — Atrás de mim, quase conseguia ouvir a sua sombra fundir-se com a minha, com as suas pernas secas de aranha roçando umas contra as outras. — Levar o teu cadáver e a história certa até Vermillion valeria a Snorri a gratidão de muitos círculos, por muitos motivos...

— Boa noite, Aslaug. — Segurei com firmeza o que podia segurar para me impedir de estremecer. Os últimos momentos antes de a escuridão cair eram

sempre quando era menos humana, como se a sua presença sobrevivesse ao disfarce por um mero instante.

— Cuidado com ele! — E as sombras puxaram-na para baixo enquanto se fundiam com a penumbra singular que se condensaria na noite.

Virei-me e segui as pessoas para o interior do seu «grande» salão. Os meus momentos com Aslaug deixavam-me sempre um pouco menos tolerante para com camponeses suados e suas vidas insignificantes e rudes. E talvez Snorri merecesse vigilância. Tinha estado, afinal, prestes a abandonar-me quando mais precisava de ajuda. Se tivesse sido um dia mais tarde eu podia ter sido submetido aos horrores das mãos atadas ou a alguma forma ainda mais cruel de justiça víquingue.



Três mesas compridas dividiam o salão, já ocupadas por homens e mulheres erguendo chifres a transbordar de espuma e canecas a pingar. Crianças, algumas não tendo mais de 8 ou 9 anos, corriam para trás e para diante com jarros que enchiam em quatro grandes barris para impedirem que qualquer recipiente secasse. Um grande fogo rugia na lareira, com peixe assando em espetos à sua frente. Cães latiam pelos cantos, arriscando um pontapé para se enfiarem debaixo das mesas à espera de alguma coisa que caísse. O calor, o ruído e o fedor exigiam um momento de habituação depois do frio anoitecer primaveril. Escolhi um caminho que me conduziria ao fundo do salão, evitando os cães. Os animais costumam ser bons juízes de caráter. Não gostam de mim. Com a exceção dos cavalos que, por motivos que nunca compreendi, me adoram. Talvez seja o interesse que partilhamos pela fuga a formar essa ligação.

Snorri e Borris sentavam-se perto da fogueira, flanqueados pelos guerreiros de Olaafheim. A maior parte dos presentes parecia ter trazido os seus machados para o convívio noturno, colocando-os sobre as mesas num aglomerado tal que o simples pousar de uma caneca se tornava uma tarefa arriscada. Snorri virou-se enquanto me aproximava, e gritou para que me dessem espaço. Ouviram-se algumas manifestações de desagrado, depressa silenciadas por murmúrios de «frenético». Encolhi-me num espaço estreito de banco polido por muitos tra-seiros, tentando não demonstrar o meu desagrado por ficar encaixado daquela forma entre rufias peludos. A minha tolerância a tais familiaridades tinha aumentado durante o tempo que passara na Três Machados como proprietário

e taberneiro... bom, a verdade era que pagava a Eyolf para se ocupar do balcão e a Helga e Gudrun para servirem às mesas... mas, mesmo assim, estava lá como taberneiro em espírito. Fosse como fosse, mesmo que a minha tolerância tivesse aumentado, não era alta e em Trond, pelo menos, havia melhor estirpe de bárbaros barbudos armados com machados. Mas, confrontado com a presente situação, sem referir a mesa coberta com machados, fiz o que faria qualquer homem interessado em sair dali com o mesmo número de membros com que entrara. Sorri como um idiota e aguentei.

Estendi a mão para uma caneca cheia até ao topo que me foi trazida por uma criança loura e descalça e decidi embebedar-me. Talvez isso me mantivesse longe de problemas e a possibilidade de passar a estadia inteira num estado inebriado parecia aprazível. Mas uma preocupação travou-me a mão. Mesmo que me magoasse admiti-lo, o sangue da minha avó parecia ter-se manifestado dentro de mim. Snorri ou Tuttugu já tinham referido a minha... deficiência aos nossos anfitriões. No coração do Norte, onde enfrentar *trolls* em combate desarmado seria um passatempo apetecível, ser um guerreiro que combatesse em frenesim parecia suscitar grande admiração, mas qualquer homem sensato admitiria que é, na verdade, um fardo terrível. E eu, sensatamente, sempre tive pavor de batalhas. A descoberta de que, quando sou levado ao limite, me transformo num louco furioso que se atira de cabeça para os combates mais inflamados não foi muito confortante. A maior vantagem dos homens sensatos reside na identificação do momento ideal para fugir. Esse tipo de estratégia de sobrevivência era algo prejudicado pela tendência para começar a espumar da boca e ignorar todo o medo. O medo é precioso. É sensatez comprimida na sua forma mais pura. A sua ausência não é positiva. Felizmente que eu requeria uma enorme pressão para revelar o frenético que se escondia dentro de mim e, tanto quanto sabia, só acontecera duas vezes. Uma vez, no Desfiladeiro de Aral e outra no Forte Negro. Se não voltasse a acontecer, não teria nenhum problema com isso.

— ... Skilfar... — Um zarolho sentado à frente de Snorri falava com a cara enfiada no corno de cerveja. Captei aquela palavra e foi mais que suficiente.

— O quê? — Esvaziei o resto da minha cerveja, limpando a espuma do bigode, um belo exemplar louro que tinha cultivado para condizer com o clima. — Não volto lá, Snorri. Nem pensar. — Lembrei-me da bruxa na sua caverna, com a sua legião de *plastyko* em redor. Tinha-me pregado um susto de morte. Ainda tinha pesadelos...

— Descontraí. — Snorri esboçou-me aquele seu sorriso vencedor. — Não teremos de o fazer.

Descontraí realmente, curvando-me para diante ao libertar uma tensão que não sabia que ali estava.

— Graças a Deus.

— Continua no seu trono de inverno. Em Beerentoppen. É uma montanha de fogo e gelo no interior, não muito distante. Será a nossa última paragem antes de partirmos do Norte, alguns dias pela costa abaixo. Depois, partiremos para Maladon, atravessando o mar aberto.

— Uma merda! — Tinha sido a mulher a assustar-me e não os túneis e as estátuas. Bom, também eles, mas o importante era que eu não iria. — Iremos para sul. A Rainha Vermelha terá as respostas que procuramos.

Snorri abanou a cabeça.

— Tenho perguntas que não podem esperar, Jal. Perguntas que precisam de um pouco mais de luz nortenha.

Sabia a que se referia. Falava daquela maldita porta. Mas, se ele levasse a chave a Skilfar, era provável que ela lha tirasse. Não duvidei por um único momento que conseguisse. Mesmo assim, não me diria respeito se a roubasse. De qualquer forma, um objeto tão poderoso ficaria mais seguro nas mãos da velha bruxa. Longe do sítio onde pretendia estar e longe do alcance do Rei Morto.

— Muito bem — disse, antecipando-me ao guerreiro zarolho. — Podes ir. Mas eu fico no barco.

O sujeito diante de Snorri fixou em mim um olho azul gélido. A outra órbita estava vazia, com a luz da chama iluminando o espasmo de pequenos músculos medonhos no orifício sombrio.

— Este fit-firar agora fala por ti, Snorri?

Percebi que o insulto era severo. Os víquingues não conheciam nada pior do que chamar a alguém «homem de terra», alguém que não conhece o mar. Era esse o problema daqueles povoados remotos. Todos neles eram muito irritáveis. Estariam todos prontos para se erguerem a qualquer momento para esventrarem alguém. Um claro caso de insegurança, por viverem em casebres gélidos numa praia inóspita. Em casa, furaria os olhos a este homem... o olho, pelo menos... deixando que metade da guarda do palácio me segurasse enquanto a outra metade o expulsava da cidade a pontapés. O problema de ter um amigo como Snorri era ele ser o tipo de pessoa que interpretava as coisas de modo literal, acreditando que queria realmente defender a minha honra. Conhecendo Snorri, sabia que aplaudiria enquanto o selvagem me retalhasse.

O homem, a quem me parecia que Snorri tinha chamado Gauti, pousou uma mão no machado à sua frente, com um gesto suficientemente despreocupado, com os dedos abertos, mas manteve o olho frio fixo em mim e havia pouco que pudesse ler nele que não fosse homicídio. Aquilo podia correr muito mal e muito depressa. Senti um desejo súbito de mijar. Esbocei aquele sorriso ousado de Jalan, ignorando o nó no estômago e desembainhando o punhal, um

pedaço afiado de ferro negro. Aquilo atraiu atenções, mas não tanta como esperaria em qualquer outro sítio onde alguém puxasse por uma lâmina. Consegui, pelo menos, a satisfação de ver Gauti vacilar, fechando parcialmente os dedos sobre o cabo do machado. Para meu crédito, *pareço* realmente o tipo de herói que exigiria reparação e que teria talento para a obter.

— Jal... — Snorri franziu parcialmente a testa, indicando com um movimento da cabeça os vinte centímetros de faca na minha mão.

Afastei alguns machados e, com um movimento súbito, inverti a lança para que a ponta pairasse meio centímetro acima da mesa. O olho de Gauti voltou a palpitar. Vi Snorri pousar lentamente a mão sobre a lâmina do machado do homem. Vários guerreiros ergueram-se parcialmente e voltaram a sentar-se.

Um grande triunfo na minha carreira como cobarde secreto é uma capacidade natural para mentir fluentemente usando linguagem corporal. Parte disso é... Que lhe chamou Snorri? Acasos felizes. Acidentes no momento certo. Quando sentia medo, ficava completamente escarlate, mas, num jovem alto e em forma, isso costumava passar por ultraje. E as minhas mãos raramente me traíam. Podia tremer de medo por dentro, mas as mãos mantinham-se firmes. Mesmo quando o terror era tão grande que acabavam por tremer, isso costumava ser encarado como uma consequência da raiva. Naquele momento, enquanto encostava a ponta da faca à madeira, as minhas mãos estavam firmes. Com alguns traços, desenhei uma forma tosca com um chifre no topo e um bojo ao fundo.

— O que é? — perguntou o homem à minha frente.

— Uma vaca? — Uma mulher de meia idade, muito bêbada, apoiada no ombro de Snorri.

— Isto, homens do clã Olaff, é Scorrón, a terra dos meus inimigos. Estas são as fronteiras. Isto... — Tracei uma linha curta sobre o fundo do bojo. — Isto é o Desfiladeiro de Aral, onde ensinei o exército scorrón a chamar-me «demónio». — Ergui o olhar para o olho de Gauti. — E notarão que nenhuma destas fronteiras é costeira. Portanto, se fosse um homem do mar, isso significaria, no meu país, que nunca poderia aproximar-me do meu inimigo. Aliás, de cada vez que zarpasse, seria para me afastar dele. — Cravei a faca com firmeza no centro de Scorrón. — No sítio de onde venho, os «homens de terra» são os únicos que partem para a guerra. — Deixei que um rapaz me enchesse a caneca. — Portanto, aprendemos que os insultos são como adagas. Importa para onde as apontamos e onde nos erguemos. — Projetei a cabeça para trás e esvaziei a caneca.

Snorri golpeou a mesa, os machados dançaram e o riso ecoou. Gauti recostou-se, mantendo o azedume, mas com a sua fúria tendo perdido o gume. A cerveja fluiu. Bacalhaus foram trazidos para a mesa, juntamente com um puré de cereal salgado de algum tipo e horríveis bolinhos de algas queimados até ficarem

quase pretos. Comemos. Mais cerveja fluiu. Dei comigo a falar com voz embriagada com um velho com mais cicatrizes que cara acerca dos méritos dos diferentes tipos de barco, um assunto cujo «conhecimento» adquirira em muitos fragmentos separados durante incontáveis diálogos embriagados semelhantes com os clientes habituais da Três Machados. Mais cerveja, entornada, salpicada, engolida. Teríamos chegado aos nós de marinheiro quando escorreguei graciosamente do banco abaixo, decidindo ficar onde estava.



— Hedwig — resmunguei, ainda meio adormecido. — Sai-me de cima, mulher.

As lambidelas pararam, e recomeçaram. Questionei-me vagamente sobre o sítio onde estava e sobre o que tornara a língua de Hedwig tão comprida. E trapalhona. E fedorenta.

— Sai! — Enxotei o cão. — Maldito rafeiro. — Apoiei-me sobre um cotovelo, pelo menos ainda meio bêbado. As brasas incandescentes da lareira tingiam o salão com luz e sombra. Cães enfiavam-se debaixo das mesas, procurando restos de comida. Conseguia ver meia dúzia de bêbados ressonando no chão, dormindo onde tinham caído, e Snorri, estendido sobre a mesa central, com a cabeça sobre o saco, dormindo profundamente.

Levantei-me, cambaleante e com o estômago às voltas. Apesar de o cheiro do salão poder ficar melhor se eu ali mijasse, lá consegui abrir caminho para a porta principal. Com a falta de luz, podia atingir um víquingue adormecido e seria difícil escapar a essa situação com conversa.

Cheguei às portas duplas e abri a da esquerda. As dobradiças chiaram suficientemente alto para despertar os mortos, mas, aparentemente, mais ninguém. Saí. O meu fôlego formou uma nuvem diante da cara e a praça, iluminada pelo luar, cintilava com o gelo que a cobria. Mais uma bela noite primaveril no Norte. Dei um passo à esquerda e comecei a responder ao chamado da natureza.

Sob os salpicos da cerveja que tomara emprestada, ouvia-se o bater das ondas contra o muro do ancoradouro e, sob isso, o murmúrio da ondulação tocando com pouca convicção a praia distante que se inclinava até ao rio. E, sob isso... um silêncio que me eriçava os pelos da nuca. Apurei o ouvido, não encontrando nada que justificasse a minha apreensão. Mas, mesmo bêbado, conseguia perceber o perigo. Desde a chegada de Aslaug que a noite parecia sussurrar-me. Aquela noite mantinha-se calada.

Virei-me, ainda a tentar fechar atabalhoadamente a braguilha, e percebi que precisava de voltar a aliviar a bexiga, imediatamente. A não mais de dez metros

de mim, estava o maior lobo que alguma vez vira. Tinha ouvido histórias em número suficiente na Três Machados e estava preparado para acreditar que no Norte existiam lobos maiores do que os do Sul. Tinha visto um lobo gigante com os meus próprios olhos, se bem que estivesse empalhado no vestíbulo do Palácio do Prazer de Madame Serene na Rua dos Mestres, em Vermillion. O que tinha diante de mim teria de ser um da raça Fenris de que falavam em Trond. Alto como um cavalo, mas mais largo, com o pelo desmazelado e a boca cheia de marfim afiado que brilhava ao luar.

Fiquei ali, completamente imóvel, continuando a regar o solo entre os meus pés. A criatura avançou, sem rosar, sem dar sinais de se preparar para saltar. Não passava de um avançar rápido, mas ligeiramente desequilibrado. Não me ocorreu levar a mão à espada. Até porque o lobo parecia capaz de lhe arrancar a ponta afiada com os dentes. Ao invés, limitei-me a ficar ali, criando uma poça. Normalmente, orgulho-me de ser o tipo de cobarde que age no momento, fugindo quando mais importa em vez de ficar com os pés presos ao chão. Mas, daquela vez, o peso do terror revelou ser demasiado grande para me permitir fugir.

Foi só quando a enorme criatura passou por mim e carregou sobre as portas duplas, precipitando-se para dentro do salão, que consegui encontrar a presença de espírito para iniciar a minha fuga. Corri, sustendo a respiração para não inalar o cheiro a carniça da besta. Cheguei ao extremo da praça, impelido pelos gritos e uivos terríveis atrás de mim, quando o meu cérebro decidiu largar a âncora. Cães vindos do salão passaram por mim, correndo e ganindo. Travei, ofegante, sobretudo como efeito do medo, já que não percorrera grande distância, e desembainhei a espada. À minha frente a noite cegante podia albergar qualquer número de monstros semelhantes. Os lobos caçavam em alcateia, afinal. Era melhor estar sozinho na escuridão com os companheiros da criatura, ou com Snorri e uma dúzia de outros víquingues enfrentando o lobo que tinha visto?

Por Olaafheim inteira, portas eram escancaradas e as fogueiras avivadas. Cães surpreendidos começavam a ladrar e gritos de «às armas» começaram a ecoar. Cerrando os dentes, voltei para trás, apressando-me com esforço. Um ruído infernal vinha do interior do salão: gritos humanos e pragas, ruídos de madeira partida. Mas, estranhamente, nem um único rosnado ou uivo. Já assistira a lutas de cães e eram coisas barulhentas. Ao que parecia, os lobos eram dados a conter a língua. Os lobos, aparentemente, eram mais de morder a língua. A vossa também, sem dúvida, se pudessem.

À medida que me aproximava mais do salão, a cacofonia tornou-se menos sonora, tornando-se apenas gemidos, grunhidos e o raspar de garras na pedra.

Abrandei o passo. Só os ruídos de atividade vindos de trás me faziam seguir em frente. Não podia deixar que me vissem ali enquanto homens morriam a metros de distância. Com o coração acelerado, ao contrário dos meus pés, alcancei a porta e enfiei a cabeça no interior para conseguir ver o que se passava com um olho.

As mesas tinham sido viradas, com as pernas formando uma floresta baixa e embriagada que parecia dançar com a luz das chamas. Os homens, ou os seus pedaços, espalhavam-se pelo chão entre poças escuras e manchas mais escuras ainda. A princípio, não consegui ver o lobo Fenris. Um gemido de esforço atraiu o meu olhar para as sombras mais profundas na parede lateral do salão. A criatura agachava-se, ocupada com alguma coisa no chão. Tinha dois machados cravados no flanco e havia um terceiro no dorso. Via os seus grandes maxilares fecharem-se sobre alguma coisa e as pernas de um homem moviam-se por baixo do seu focinho, cobertas com um muco negro de sangue e saliva. De alguma forma, percebi quem estaria preso ali, naqueles dentes.

— Snorri! — O grito escapou-me entre os lábios sem permissão. Levei uma mão à boca para me impedir de dizer mais tolices. A última coisa que queria era que aquela terrível cabeça se virasse para mim. Horrorizado, percebi que tinha passado a porta. Era o pior sítio para estar, recortado pelo luar e bloqueando a saída.

— Às armas!

— Para o salão! — Eram gritos vindos de todas as direções.

Atrás de mim, ouvia muitos pés. Não haveria retirada por ali. Os nórdicos penduram os cobardes pelos polegares e cortam-lhe partes que muita falta lhes fazem. Avancei rapidamente para me tornar um alvo menos óbvio e movi-me ao longo da parede, tentando não respirar. Começaram a chegar víquingues à porta atrás de mim aglomerando-se para passar.

Enquanto observava o lobo, uma mão, que parecia infantil por comparação com a escala da criatura, surgiu-lhe do outro lado da cabeça e pressionou-a entre os olhos. Uma mão reluzente. Uma mão que se tornava tão brilhante que o salão inteiro quase parecia tão claro como o dia. Exposto pela luz, fiz o que qualquer barata faz quando alguém acende uma lanterna na cozinha. Corri em busca de abrigo, saltando na direção do refúgio que um fragmento de mesa tombado entre mim e a besta me proporcionava.

A luz tornou-se mais ofuscante e, quase cego, cambaleei em direção a um tronco humano, caí sobre a mesa e cambaleei em diante com vários passos incertos, desesperado para me manter na vertical. A minha espada esticada para a frente cravou-se em algo macio, raspando contra osso e, no momento seguinte, um peso imenso desabou sobre mim, anulando toda a luz. E também tudo o resto.



— ... *por baixo! Foram precisos seis homens para o tirarem.* — A voz espantada de uma mulher.

Senti-me erguido. Levado.

— Cuidado!

— Calma...

Um pano morno molhado passado sobre a minha testa. Aninhei-me contra a maciez que me amparava. O mundo mantinha-se a uma distância aprazível, chegando até mim apenas trechos de conversa enquanto dormitava.

No meu sonho, vagueei pelo palácio vazio de Vermillion num belo dia de verão, com a luz entrando pelas janelas altas com vista para o casario extenso.

— ... até ao punho! Terá chegado ao coração... — A voz de um homem.

Movia-me. Moviam-me. O movimento oscilava entre o ondular familiar de um cavalo e a subida e descida odiosas do oceano.

— ... viu o amigo...

— Ouvi-o gritar à porta. «Snorri!» Rugiu como um vikingue.

O mundo aproximou-se. Não queria que o fizesse. Estava em casa. Estava quente. E seguro. Bom, mais seguro. Tudo o que o Norte tinha para oferecer era a possibilidade de aterrar em algo macio. A mulher que me segurava tinha um peito tão montanhoso como o terreno local.

— ... correu para ele...

— ... lançou-se sobre ele!

O chiar de uma porta. O remexer de brasas.

— ... frenético...

Afastei o olhar da cidade banhada pelo sol e voltei-me para a galeria vazia do palácio, momentaneamente cego.

— ... Fenris...

As manchas do sol deixaram-me os olhos, com os verdes e vermelhos desaparecendo. E vi o lobo, ali no corredor do palácio, com as mandíbulas escancaradas, presas de marfim, língua escarlate, fios de saliva, hálito quente...

— Arrrg! — Ergui-me, afastando a cabeça das mamas peludas de Borrís. Aquele homem nunca vestiria uma camisa?

— Tranquilo! — Braços grossos pousaram-me tão facilmente como se pousassem uma criança num berço cheio de peles. Estávamos dentro de uma cabana fumarenta, maior que a maioria, com gente cercando-me de todos os lados.

— O que foi? — Pergunto sempre isto. Mesmo que, mais tarde, perceba que não quero realmente saber.

— Tranquilo! Está morto. — Borrís endireitou-se. Guerreiros do clã Olaaf enchiam a casa redonda, vendo-se também uma mulher madura com grossas tranças louras e várias mulheres roliças mais jovens, presumivelmente a esposa e as filhas.

— Snorri... — comecei a dizer antes de o ver deitado a meu lado, inconsciente, pálido (até para um nórdico) e com vários cortes medonhos, um deles um corte mais antigo sobre as costelas, ainda impressionante com a crosta esbranquiçada. Mesmo assim, parecia em muito melhor estado do que um homem deveria parecer depois de ser roído por um lobo Fenris. As marcas no alto dos braços contrastavam profundamente com a pele branca, com o martelo e o machado tatuados a azul e com as runas negras que captaram a minha atenção por um instante. — Como? — Não me sentia capaz de dizer frases com mais de uma palavra.

— Enfiou um escudo na boca da besta. Manteve-a aberta! — disse Borrís.

— E tu mataste-o! — Uma das suas filhas, com o peito quase tão desenvolvido como o do pai.

— Tirámos a tua espada. — Um guerreiro na multidão, estendendo-me a espada com o punho para a frente, de modo quase reverente. — Deu trabalho.

O peso da criatura tinha feito a espada cravar-se ao cair.

Recordei a abertura da boca do lobo sobre Snorri e a falta de mastigação. Fechando os olhos, consegui ver a mão brilhante pressionada entre os olhos do lobo.

— Quero ver a criatura. — Não queria, mas precisava de a ver. Além disso, não era frequente poder fingir que era o herói e provavelmente não duraria muito depois de Snorri recuperar os sentidos. Com algum esforço, consegui

erguer-me. Inspirar foi o mais difícil. O lobo tinha-me deixado costelas doridas dos dois lados. Por sorte, não as tinha esmagado a todas. — Raios! Onde está o Tuttugu?

— Estou aqui! — A voz vinha de trás de vários troncos largos. Homens afastaram-se para revelar a outra metade dos undoreth, sorridente, com um olho fechado pelo inchaço. — Fui atirado contra uma parede.

— Fazes disso um hábito. — Surpreendeu-me o agrado que senti por o ver inteiro. — Vamos!

Borris mostrou o caminho e, flanqueado por homens carregando archotes de junco, coxeei em diante, pressionando as costelas com uma mão e praguejando. Uma fogueira piramidal de lenha velha iluminava a praça e vários homens feridos tinham sido deitados em enxergas ao seu redor, sendo tratados por um casal idoso, ambos com longo cabelo branco. Pelo tempo breve que passei no salão, não acreditei que alguém tivesse sobrevivido, mas os instintos de um homem ferido fazem-no rebolar para qualquer nicho ou buraco onde caiba. No Desfiladeiro de Aral, puxámos mortos de tocas e fissuras, alguns apenas com as botas de fora.

Borris conduziu-nos além dos feridos, até às portas do grande salão. Um homem baixo com uma grande mancha na bochecha guardava a entrada, empunhando a lança e olhando a noite.

— Está morto! — Foi a primeira coisa que nos disse. Parecia distraído, coçando o elmo de ferro demasiado grande como se isso pudesse acalmar qualquer comichão que sentisse.

— Claro que está morto! — disse Borris, passando por ele. — O príncipe frenético matou-o!

— Claro que está morto — repeti, passando pelo baixote e permitindo-me uma pontada de desprezo. Não sabia dizer porque a criatura tinha escolhido aquele momento para cair sobre mim, mas o seu peso fizera a minha espada cravar-se até ao punho e nem um lobo grande como um cavalo voltaria a levantar-se depois de semelhante acidente. De qualquer forma, sentia-me perturbado. Algo no modo como as mãos de Snorri brilhavam...

— Pelos tomates de Odin! Tresanda! — disse Borris, à minha frente.

Enchi os pulmões para dizer que sim, que tresandava, claro. O salão tresandava, mas, sendo justo, o odor fora apenas marginalmente pior do que o cheiro da casa de Borris ou de Olaafheim inteira. As minhas observações perderam-se quando a peçonha me invadiu os pulmões, engasgando-me. Quando alguém se engasga com costelas feridas, a dor distrai-nos de algumas coisas. De coisas como manter a posição vertical, por exemplo. Felizmente, Tuttugu amparou-me.

Avançámos, respirando superficialmente. Tinham sido acesas lanternas colocadas sobre a mesa central, recolocada na posição correta. Incenso de algum tipo ardia em potes, entrecortando o fedor com um aroma intenso a alfazema.

Os mortos tinham sido dispostos diante da lareira, com os seus membros decepados por perto. Vi Gauti entre eles, dividido em duas partes por uma dentada, com o olho fechado pela agonia do momento e a órbita vazia fitando as traves do teto. O lobo estava onde tinha caído enquanto devastava Snorri. Virara-se de lado, com as patas apontando para a parede. O horror que me tinha infetado quando o vi pela primeira vez regressou em força. Mesmo morto, era uma visão terrível.

O fedor intensificou-se quando nos aproximámos.

— Está morto — disse Borris, aproximando-se da extremidade perigosa.

— Claro que... — Calei-me. A criatura tresandava a carniça. Tinha perdido pelo às mãos-cheias, expondo carne cinzenta por baixo. Nos pontos onde tinha sido ferida, contorciam-se vermes. Não tinha morrido recentemente.

— Odin... — Borris sussurrou a palavra com uma mão cobrindo a cara, não encontrando partes da anatomia do deus que fosse adequado invocar naquele momento. Juntei-me a ele e observei a cabeça do lobo. Chamar-lhe «crânio enegrecido» teria sido uma descrição mais adequada. O pelo tinha desaparecido, a pele mirrara como se tivesse sido tocada pela chama e, no osso, entre as órbitas de onde jorrava sangue escuro, a marca de uma mão tinha sido gravada a fogo.

— O Rei Morto! — Virei-me para a porta, empunhando a espada.

— Que foi? — Borris não se moveu, continuando a fitar a cabeça do lobo.

Apontei para os cadáveres. Nisto, o olho intacto de Gauti abriu-se. Se o seu olhar tinha sido frio em vida, agora passara a conter todos os invernos do Gelo Cortante. As suas mãos arranhavam o chão e, onde o seu tronco terminava, na ruína vermelha abaixo da caixa torácica, partes começaram a palpitar.

— Queimem os mortos! Retalhem-nos! — E comecei a correr, pressionando o flanco com uma mão, com cada inspiração dorida.

— Jal, onde... — Tuttugu tentou segurar-me quando passei por ele.

— Snorri! O Rei Morto enviou o lobo atrás do Snorri! — Passei pelo manchado à porta e precipitei-me para a noite.

Com o estado das minhas costelas e o volume de Tuttugu, nenhum de nós foi o primeiro a chegar à casa de Borris. Homens mais rápidos tinham alertado a mulher e as filhas. Os habitantes locais chegavam já para guardar o local enquanto passávamos pela entrada principal. Snorri sentara-se, expondo a topografia demasiado musculada do peito e estômago nus. As filhas de Borris ocupavam-se dele, uma delas cosendo-lhe um rasgão no flanco enquanto outra limpava um ferimento imediatamente abaixo da clavícula. Recordei quando

era prometido à luz, transportando Baraquel dentro de mim. Recordei o esforço necessário para incapacitar um único cadáver animado. Nas montanhas depois de Chamy-Nix, quando os homens de Edris nos alcançaram, tinha queimado os antebraços do cadáver que tentava estrangular-me. O esforço deixara-me indefeso. O facto de Snorri conseguir sentar-se depois de ter incinerado a cabeça inteira de um lobo-morto gigante deixava tão patente a sua força interior como todos aqueles músculos deixavam clara a força exterior.

Snorri ergueu o olhar e esboçou-me um sorriso fatigado. Tendo sido em diferentes momentos prometido à luz e à escuridão, diria que o lado da escuridão tem a vida mais facilitada. O poder que Snorri e eu usámos contra os não-mortos era o mesmo que ambos tínhamos usado para sarar ferimentos alheios. Canalizava energia da mesma origem, mas sarar carne morta terá como único resultado queimar o mal que a domina.

— Veio pela chave — disse-lhe.

— Terá morrido no gelo e sido libertado pelo fim do inverno. — Snorri reagiu com um esgar a mais um ponto da filha ajoelhada. — A verdadeira questão será perceber como sabia onde poderia encontrar-nos.

Era uma boa questão. Pensar que qualquer criatura morta disponível poderia ser voltada contra nós em qualquer ponto da nossa viagem não era algo que me agradasse. Uma boa questão, para a qual não tinha qualquer resposta. Olhei para Tuttugu como se ele pudesse ter uma.

— Hum. — Tuttugu coçou os queixos. — Não é segredo nenhum que o Snorri partiu de Trond, navegando para sul. Meia cidade assistiu. — Não acrescentou «graças a ti», mas também não precisava de o fazer. — E Olaafheim seria o primeiro sítio sensato onde três homens num barco pequeno parariam. Facilmente alcançável num dia de viagem com ventos favoráveis. Se tivesse um agente aqui com algum meio de comunicação arcana... Ou talvez haja necromantes acampados por perto. Não sabemos quantos conseguiram fugir do Forte Negro.

— Faz sentido. — Era muito melhor do que pensar que o Rei Morto saberia sempre onde nos encontrar. — Talvez devamos... hum... partir.

— Agora? — Snorri franziu a testa. — Não podemos zarpar a meio da noite. Aproximei-me, percebendo o vivo interesse das duas filhas.

— Sei que és apreciado aqui, Snorri. Mas há uma pilha de cadáveres no grande salão e, quando Borris e os seus amigos acabarem de desmembrar e queimar os seus amigos e parentes, poderá ocorrer-lhes perguntar porque se abateu este mal sobre o seu pequeno povoado. Quão amigos são? E se começarem a fazer perguntas e quiserem levar-nos pelo rio acima para conhecermos os seus dois jarls? Também tens amigos no topo da hierarquia?

Snorri levantou-se, com a cabeça erguendo-se muito acima das raparigas e também da minha cabeça enquanto vestia o gibão.

— É melhor irmos. — Pegou no machado e dirigiu-se para a porta.

Ninguém tentou travar-nos apesar das inúmeras perguntas.

— Preciso de trazer uma coisa do barco. — Disse muitas vezes aquilo a caminho do cais. Era quase verdade.

Quando chegámos ao mar, arrastávamos uma multidão e tanto connosco, com as suas questões fundindo-se num burburinho indistinto de desagrado. Tuttugu trouxe uma tocha de junco da casa de Borris, iluminando o caminho entre as redes empilhadas e as caixas vazias. Os locais, perdidos nas sombras envolventes, observavam, em número incontável. Um homem segurou-me o braço, dizendo algo sobre esperar Borris. Afastei-o.

— Procurarei na proa! — Demorei algum tempo a dominar a terminologia náutica, mas, desde que aprendera a distinguir proa de popa, aproveitava todas as oportunidades para demonstrar as minhas credenciais. Desci, gemendo com a dor provocada pelo movimento. Ouvia murmúrios vindos de cima das pessoas que se encorajavam mutuamente a impedir a nossa partida.

— Poderá estar na popa... aquela... coisa de que precisamos. — Até uma pedra-troll podia dar lições de representação a Tuttugu. Desceu para a outra extremidade do barco, causando uma inclinação notória.

— Remo — disse Snorri, descendo com dois passos. Ainda não aprendera a mentir. Depois de quase seis meses na minha companhia, isso dizia muito sobre os meus dotes de professor.

Para distrair os homens no muro do porto do facto de partirmos apressadamente pela noite dentro, ergui uma mão e dirigi-lhes um aceno régio.

— Adeus, cidadãos de Olaafheim. Recordarei sempre o vosso povoado como... como... um sítio onde estive.

E assim terminou. Snorri continuou a remar e deixei-me tombar novamente no torpor parcialmente embriagado de que desfrutara antes de os acontecimentos desagradáveis da noite terem começado. Deixei para trás outro povoado cheio de nórdicos. Em breve, preguiçaria sob o sol do Sul. Era quase certo que casaria com Lisa e gastaria o dinheiro do seu pai antes de o verão ter terminado.

Três horas depois, o amanhecer iluminou-nos na vastidão ampla e cinzenta do mar, com Norseheim reduzida a uma linha negra a leste, não prometendo nada de bom.

— Bom — disse. — Aqui, pelo menos, o Rei Morto não conseguirá chegar até nós.

Tuttugu debruçou-se para observar as ondas escuras como vinho.

— As baleias mortas conseguem nadar? — perguntou.

Dizem que a chave de Loki pode abrir as portas do inferno.

Mas o que estará do outro lado?

Snorri, o grande e poderoso soldado do Norte, está desesperado para recuperar a sua família. Agora que tem a chave que pertencia ao deus das mentiras, precisa apenas de encontrar a porta do inferno para os trazer para o mundo dos vivos.

Jalan, o neto da Rainha Vermelha, quer apenas voltar para o Sul, onde há sol e raparigas bonitas para seduzir. Mas está preso a Snorri por um pacto mágico, e resta-lhe apenas tentar impedi-lo de mergulhar o mundo na escuridão.

Enquanto procuram pela porta, no entanto, mais alguém os vigia. O Rei Morto quer recuperar a sua chave, para poder libertar os seus exércitos. E não vai olhar a meios para atingir esse fim.

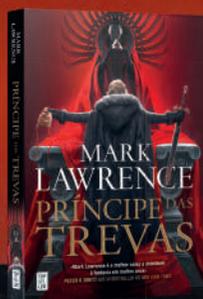
«Entre a ação excitante e os diálogos eloquentes e engraçados,
as páginas deste livro parecem voar.»

LIBRARY JOURNAL

«O cada vez maior exército de fãs de Mark Lawrence vai adorar esta aventura
e esperar ansiosamente pela próxima.»

THE DAILY MAIL

Leia também
o princípio da viagem:



• TRILOGIA DA GUERRA DA RAINHA VERMELHA •

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-32-4



9 789898 917324

Literatura Fantástica